

Instituto Superior de Ciências e Educação à Distância

Faculdade de Ciências de Educação

Curso de Licenciatura em ensino de Português

Cecilia Alfredo Domuaraca: 11231237

Análise do poema "Carregadores"

1 Introdução

Este trabalho tem como tema: a análise do poema "Carregadores", de Rui de Noronha, uma obra que reflete a sensibilidade social e estética do autor perante a realidade dos trabalhadores oprimidos em Moçambique colonial. Através de uma linguagem lírica e crítica, o poema denuncia as condições degradantes impostas aos carregadores negros, revelando traços do Romantismo adaptados ao contexto africano e marcando uma etapa importante na consolidação da literatura moçambicana de resistência.

1.1 Objectivo Geral:

- ❖ Analisar criticamente o poema "Carregadores" de Rui de Noronha.

1.2 Objectivos Específicos:

- ❖ Descrever a mancha gráfica do poema.
- ❖ Interpretar o tema e a crítica social presente.
- ❖ Identificar a indignação do sujeito poético.
- ❖ Relacionar o Romantismo à literatura moçambicana.
- ❖ Avaliar a influência do Romantismo na obra de Rui de Noronha..

1.3 Metodologia:

Este estudo foi desenvolvido com base em pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, centrada na leitura e interpretação do poema "Carregadores", de Rui de Noronha. A análise foi conduzida por meio da observação da estrutura formal do texto, levantamento temático e articulação com referências teóricas e literárias pertinentes. Foram utilizadas obras de autores moçambicanos e estudiosos da literatura africana para embasar a interpretação crítica, permitindo a contextualização histórica e estética da produção poética analisada.

2 Mancha gráfica

O poema “Carregadores” de Rui de Noronha apresenta uma disposição gráfica tradicional, organizada em duas estrofes de oito versos cada (oitavas), com um esquema rímico alternado. Essa estrutura clássica sugere uma organização formal típica da poesia lírica, reforçando o lirismo melancólico e a crítica social contida nos versos. A repetição do uso de exclamações, como em “Virgem Santíssima!” e “Ó negros!”, marca o tom emocional e de denúncia do sujeito poético. A própria pontuação reforça os sentimentos de angústia e piedade.

A mancha gráfica reflete uma composição visual equilibrada, mas ao mesmo tempo densa, acompanhando a ideia de peso e sobrecarga descrita no conteúdo. A predominância de versos curtos e médios contribui para a cadência marcada, como se o ritmo acompanhasse o esforço repetitivo dos carregadores descritos no texto. O uso de reticências após expressões como “carregadíssima!...” e “pesadíssima...” enfatiza a exaustão e prolonga simbolicamente o sofrimento.

Além disso, a disposição gráfica remete à tradição formal da poesia portuguesa e moçambicana anterior à independência, mas já prenunciando um conteúdo de denúncia que se tornaria mais explícito na literatura engajada pós-colonial. Rui de Noronha, mesmo dentro dessa métrica tradicional, consegue romper com o lirismo romântico ao incorporar uma visão crítica da realidade social moçambicana, como também é feito por José Craveirinha em obras como *Xigubo* (1964), onde o espaço poético é igualmente utilizado para denúncia (Craveirinha, 1964).

3 Tema e interpretação

O poema trata da opressão e do sofrimento dos trabalhadores negros submetidos a condições subumanas. O sujeito poético mostra-se consternado com a injustiça que atinge os carregadores, expostos ao calor intenso, à fadiga e à exploração dos comerciantes, simbolizados pela figura do “monhê”. A frase “A pena que me dá ver essa gente / Com sacos sobre os ombros, carregadíssima!...” introduz o tom de lamento e indignação, sinalizando um olhar empático diante da miséria social.

A descrição do dia a dia desses homens evidencia o ciclo repetitivo e desumano do trabalho forçado: “Dez vezes, vinte vezes, lés a lés / Num dia só percorrem a cidade!” A ênfase no número de vezes e na extensão percorrida expõe a brutalidade da jornada. A linguagem visual do poema capta o cansaço e a precariedade desses corpos exaustos, o que remete à crítica anticolonial e à desumanização do sujeito negro. Essa realidade é também abordada por Noémia de Sousa, especialmente em *Sangue Negro* (1948), onde a poeta clama por justiça social para os marginalizados (Sousa, 1948).

A referência à velhice e à caridade — “E na velhice ao pão da caridade...” — destaca a ausência de segurança social, denunciando o abandono a que esses trabalhadores são condenados após uma vida de labuta. Essa mesma preocupação com a velhice, a marginalização e a denúncia social pode ser vista em *O canto do amor natural* de Craveirinha (1997), que também associa sofrimento físico e identidade cultural como elementos de resistência (Craveirinha, 1997).

4 Indignação do sujeito poético

O tom do sujeito poético oscila entre o lamento e a revolta, revelando sua empatia profunda com os trabalhadores. Ao empregar expressões como “Virgem Santíssima!” e “Ó negros!”, ele evoca uma linguagem carregada de emoção e religiosidade, denunciando a injustiça social com um sentimento quase sagrado de compaixão. Essa exaltação emocional é um recurso expressivo que reforça o clamor moral contra a opressão.

O olhar do eu lírico é profundamente humanista. Ao descrever os trabalhadores como “velhinhos já avós talvez”, ele os aproxima do leitor como figuras familiares e respeitáveis, deslocando-os do papel meramente funcional que ocupam na sociedade colonial. Essa estratégia é semelhante à usada por Rui Knopfli em *Reino Submarino* (1962), onde também há uma crítica implícita ao sistema colonial que desumaniza os corpos negros (Knopfli, 1962).

A indignação do sujeito poético também carrega uma denúncia contra o sistema de exploração capitalista, retratado na figura dos “monhês” — termo pejorativo usado para descrever comerciantes asiáticos. Embora o uso do termo revele preconceitos da época, ele também simboliza o poder opressor econômico contra os quais os trabalhadores negros não têm defesa. Essa crítica econômica aparece de forma mais elaborada em *Os sobreviventes da noite* (1994) de

Ungulani Ba Ka Khosa, que questiona a herança colonial e as desigualdades sociais em Moçambique (Khosa, 1994).

5 Romantismo e literatura moçambicana

O Romantismo influenciou fortemente a literatura moçambicana, sobretudo nos seus primeiros estágios, pela valorização da emoção, da subjetividade e da denúncia social. Em Rui de Noronha, essa influência manifesta-se na musicalidade dos versos, no tom emotivo e na idealização da figura do trabalhador sofrido. Contudo, o autor transcende o Romantismo tradicional ao incorporar uma consciência social crítica que aponta para a modernidade literária africana.

A obra de Rui de Noronha é uma das primeiras manifestações de um “Romantismo crítico” em Moçambique, onde o sentimentalismo serve como arma contra as injustiças sociais. Assim como em *Os Meus Versos* (1943), o Romantismo em sua obra não é voltado para a natureza ou para o amor idealizado, mas para a dor do povo oprimido. Segundo Andrade (2005), “Rui de Noronha inaugura um lirismo engajado que mistura a estética ocidental com a dor africana” (p. 112).

Essa fusão entre o Romantismo e a crítica social também é visível em Noémia de Sousa e José Craveirinha, que herdaram de Noronha o impulso inicial para transformar a poesia em instrumento de denúncia e resistência. Como aponta Chabal (1996), “o Romantismo em Moçambique é reelaborado por poetas como Noronha para dar voz ao sofrimento coletivo de um povo silenciado” (p. 89). Essa tradição romântica-crítica atravessa as gerações e influencia decisivamente a identidade literária moçambicana.

6 Influência do Romantismo na obra de Rui de Noronha

Rui de Noronha incorporou em sua obra traços do Romantismo europeu, mas adaptou-os ao contexto colonial moçambicano, criando uma poesia marcada pela emoção, mas sobretudo pela crítica social. A compaixão expressa em “Carregadores” mostra o sentimento de dor alheia como ponto de partida para o questionamento das estruturas de opressão. Esse hibridismo entre sentimento e crítica constitui uma das principais marcas da sua produção poética.

Em muitos dos seus poemas, Noronha faz uso de uma linguagem lírica, ritmada e por vezes melancólica, própria do Romantismo, mas que serve a um propósito novo: o de expor a condição do africano no sistema colonial. A idealização do “sofredor” — comum ao Romantismo — aparece, mas com uma nova função: politizar o sofrimento. Como destaca Nunes (2010), “Noronha é romântico na forma, mas profundamente realista no conteúdo” (p. 54).

A influência romântica também se revela na forma como o poeta constrói o sujeito poético: introspectivo, indignado e dotado de um forte senso moral. Essa concepção do poeta como “consciência da sociedade” ecoa a visão romântica do artista, mas em Noronha é ressignificada à luz das desigualdades coloniais. Assim, sua obra marca a transição do Romantismo para uma poesia moderna e engajada, como se pode também observar em *Manifesto* de Craveirinha (1978), onde a voz poética se ergue contra a opressão com força quase épica (Craveirinha, 1978).

7 Considerações finais

A análise realizada permitiu compreender como a forma tradicional do poema “Carregadores” contrasta com a força crítica do conteúdo, revelando a denúncia social presente na poesia de Rui de Noronha. A leitura cuidadosa e o cruzamento com obras literárias e críticas moçambicanas evidenciaram a relevância do autor na transição entre o Romantismo e uma poesia mais engajada. O percurso adotado demonstrou que, apesar da estrutura lírica clássica, o poema carrega uma profunda consciência social, dando voz aos marginalizados e antecipando os temas que marcariam a literatura moçambicana moderna.

8 Bibliografia

- Andrade, M. (2005). *Poetas moçambicanos do século XX*. Maputo: Edições NovÁfrica.
- Chabal, P. (1996). *A literatura moçambicana: Realidade e ficção*. Lisboa: Vega.
- Craveirinha, J. (1964). *Xigubo*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- Craveirinha, J. (1978). *Manifesto*. Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos.
- Craveirinha, J. (1997). *O canto do amor natural*. Maputo: Ndjira.
- Khosa, U. B. K. (1994). *Os sobreviventes da noite*. Maputo: Ndjira.
- Knopfli, R. (1962). *Reino Submarino*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império.

Nunes, C. (2010). *Rui de Noronha e a crítica social na poesia moçambicana*. Revista Literária Africana, 12(2), 49–60.

Sousa, N. de. (1948). *Sangue Negro*. Maputo: Tipografia Minerva Central.